

Haroldo Holanda

Os pilares de Sarney

Segundo avaliação de um político, o Governo do presidente José Sarney se assenta sobre duas bases, representadas pela presença, em postos-chaves da sua administração, dos ministros Marco Maciel (Gabinete Civil) e Dilson Funaro (Fazenda). Ambos têm origem e comportamentos políticos diversos. Marco Maciel sempre foi, desde a mocidade, uma vocação voltada para a política. Já o interesse do ministro Dilson Funaro pelos assuntos de ordem pública pode ter sido permanente, mas o seu envolvimento em assuntos de natureza política é recente.

Os procedimentos políticos de Maciel e Funaro diferem também substancialmente. O chefe do Gabinete Civil seria um liberal-conservador. Ele fez todo o seu aprendizado político ao lado de homens de formação conservadora, desde quando foi secretário de Estado de Paulo Guerra, em Pernambuco, logo após a deposição de Arraes. Funaro, embora seja um empresário, comprometido com a ordem capitalista, fez a sua carreira convivendo com os grupos de esquerda do antigo MDB paulista. Os dois principais assessores de Funaro no Ministério da Fazenda — Gonzaga Beluzzo e João Manoel Cardoso de Melo — são homens de esquerda. É dentro desse equilíbrio, que oscila entre as esquerdas e as atitudes liberais — conservadoras, que o governo do presidente Sarney procura se situar e fazer prevalecer seu pensamento e sua conduta.

Não haverá jamais a prevalência de Funaro sobre Maciel ou vice-versa, porque o próprio Sarney deve estar no fundo consciente de que a estabilidade política do seu Governo depende desse equilíbrio. A exemplo de Tancredo, aconselhado por Felipe Gonzalez, Sarney sabe que ao presidente da República, para êxito do seu Governo, é essencial contar com um tzar da economia que seja de sua confiança pessoal e direta, como é o caso de Funaro.

Do mesmo modo é fundamental para Sarney contar com um político hábil e de sua confiança, do qual é exemplo o ministro Marco Maciel. O relacionamento entre Sarney e o chefe do seu Gabinete Civil ganhou densidade e aprofundou-se ao tempo em que ambos conviveram no PDS. O atual chefe do Gabinete Civil foi um dos estrategistas do movimento dentro do PDS que desestabilizou a candidatura de Paulo Maluf à sucessão presidencial. Embora fosse o nome inicialmente cogitado, Maciel não aceitou ser o vice de Tancredo, com o que abriu caminho para sua substituição por Sarney.

De vez em quando, das cercanias da área econômica dirigida por Funaro, a artilharia política ruge na direção do Gabinete Civil. São refregas naturais entre esquemas políticos rivais. Há quem julgue que Funaro pode ser candidato à Presidência da República, na sucessão de Sarney. Por outro lado, todos sabem que Marco Maciel sonha também em ocupar o Palácio do Planalto. São preliminares da disputa pelo poder. É provável que a guerra de atritos entre as duas partes prossiga.

Mas para Sarney é indispensável contar com a colaboração pessoal tanto de Funaro como de Marco Maciel. Qualquer governo em regime democrático vive dessas contradições. O grupo de tecnocratas liderados por Funaro na área econômica ameaçou afogar politicamente Marco Maciel com o impacto inicial do êxito das medidas econômicas. Mas como todo programa econômico o plano do ministro Funaro começa a apresentar deficiências e furos, com o que o equilíbrio político voltou a reinar no Governo.

Nesse processo de atrito, Maciel é mais hábil e experimentado do que os tecnocratas de Funaro, com o que leva vantagem sobre seus rivais. Claro que aqui e acolá os dois têm pontos de vista coincidentes. Mas suas visões da realidade nacional diferem em vários aspectos, notadamente nos objetivos que esperam alcançar a médio e longo prazos.